

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INCENTIVO À DOCÊNCIA FRENTE AOS DESAFIOS DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Elenir Teresinha Becker*

Camila Mazzochi, Fabiana de Assis, Anelise Canzi, Jéssica Springer, Maiara Marcon, Jaqueline de Souza, Marta Elda Bechtord Pappen**

Dilva Bertoldi Benvenuti***

Resumo

O estudo tem por objetivo caracterizar a importância do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no contexto de sala de aula, na rede Municipal de Maravilha/SC. A discussão teórico-prática justifica-se pela importância que o programa tem proporcionado no setor público escolar, visando auxiliar no processo de alfabetização das crianças que possuem dificuldades ou ritmo mais lento de aprendizagem, necessitando uma atenção mais acentuada no decorrer do processo. Por intermédio do programa PIBID, buscou-se obter resultados positivos de alfabetização que automaticamente estão refletidos em indicadores nacionais, como é o caso do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Podemos destacar que por meio deste programa, almeja-se valorizar o magistério a partir da formação de licenciados, mediante a convivência com professores mais experientes e com os desafios diários que estão presentes no contexto da educação básica. A análise aborda pontos importantes que dizem respeito ao processo de ensino e aprendizagem, contemplando as dificuldades de aprendizagens, metodologias, estratégias pedagógicas, bem como a importância do planejamento no alcance dos objetivos propostos. Ao ocorrer o processo de análise, contemplam-se autores, como Gandin, Freire, Vygotsky e outros, proporcionando o diálogo, as trocas e o aprofundamento da discussão proposta. O PIBID, por meio da parceria com a Unesco, tem possibilitado a relação dialógica entre teoria e prática no contexto da sala de aula, atuando como parceira e aliada no que diz respeito às causas diárias da sala de aula, e isso tem contribuído e fortalecido o programa de formação de educadores nesta região. O diálogo apresentado contempla exemplos práticos oriundos do dia a dia das acadêmicas-bolsistas, na escola Centro Educacional Mundo Infantil – CAIC, Cidade de Maravilha/SC, uma das Instituições de ensino contempladas pelo PIBID nesta região. Palavras-chave: Alfabetização. Dificuldades de aprendizagem. Ludicidade. Planejamento. Intervenção pedagógica.

* Supervisora PIBID, coordenadora pedagógica e professora da rede municipal de ensino/MH

** Acadêmica do Curso de Pedagogia/MH e bolsista do programa

*** Coordenadora de Pedagogia e professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Campus de São Miguel do Oeste/MH

1 INTRODUÇÃO

A educação é um direito de todas as pessoas. Começa em casa, com a família e pessoas mais próximas, em que aprendem as principais necessidades, fala, relacionamento social, a socialização, respeito ao próximo, enfim, muitas experiências. A Constituição Federal (CF) de 1988 faz referência à educação, em seu Capítulo III (Da Educação, Cultura e Desporto) Seção I da Educação:

Art. 205 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho;

Com o passar do tempo, o aluno começa a frequentar a escola, passa a dominar novos conhecimentos, alfabetiza-se, aprendendo a ler e a escrever, contar, enfim, conhece o mundo e desbrava-o. Segundo Freire (1989), “[...] a alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando.” Ainda consta, quanto ao ensino que deve ser ministrado nas escolas, na Constituição Federal de 1988, Capítulo III (da Educação, Cultura e Desporto) Seção I da Educação, que:

Art. 206 – O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.

O Programa Institucional de Incentivo à Docência (PIBID) é um programa comprometido com a educação, pois, de um lado, busca incentivar as acadêmicas do Curso de Pedagogia a continuarem buscando sua formação nesta área; e, por outro, objetiva que as mesmas atuem nas escolas de forma competente e com responsabilidade social e educacional, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem da sala de aula.

A participação da acadêmica do Curso de Pedagogia e bolsista do PIBID no contexto da sala de aula tem muitas vantagens, visto que, além do trabalho realizado em prol da aprendizagem, também adquire experiência e conhecimento na sua área de formação. Percebe-se que a implantação deste programa nesta escola oportunizou à universidade a aproximação do contexto da educação básica, aliando teoria à prática, ajudando as escolas a perceberem e detectarem possibilidades e estratégias pedagógicas, que encaminhem soluções de problemas de aprendizagem, presentes nas escolas públicas e que tem responsabilizado o professor de sala de aula, na sua individualidade e muitas vezes solitário, resolvê-lo.

2 O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INCENTIVO À DOCÊNCIA E SUA INTERVENÇÃO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Sabedores de que o momento de formação dos professores deve possibilitar a reflexão crítica sobre a prática, o PIBID vem contribuir, oportunizando que os estudantes de licenciaturas façam parte deste processo imprescindível, que é o contato com a realidade e, nesta análise, poder pensar criticamente sobre a prática exercida e as possíveis oportunidades de intervenção, que possibilitem a qualificação desta caminhada no contexto de sala de aula.

Segundo Freire (1996), a reflexão crítica a respeito da prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sobre a qual a teoria pode ir virando “blábláblá” e a prática, ativismo.

Nesse sentido, os docentes com a ajuda dos Pibidianos devem qualificar a capacidade crítica dos discentes, assim como também a curiosidade, a inteligência e a construção de novos conhecimentos. Nesta direção, percebe-se a importância do professor na tarefa de não apenas repassar informações ou conteúdos, mas ensinar a pensar de forma reflexiva e crítica, valorizando a curiosidade e estimulando a pesquisa, fazendo com que a aprendizagem aconteça de forma produtiva e lúdica.

Paulo Freire tem sido o pensador que tem estimulado as Pibidianas a utilizar o verbo chamado por ele de “esperançar”, uma vez que suas obras fazem com que acreditemos na capacidade de cada ser humano aprender, responsabilizando os professores a ensinarem com amor e competência. Sabe-se que ensinar não é transferir conhecimento, e sim criar métodos e possibilitar a produção ou construção deste saber adquirido, afinal já está comprovado que somos seres inacabados e que estamos em constante processo de desenvolvimento e aprendizagem.

O programa PIBID nesta escola, tem nos feito valorizar mais as experiências dos professores e da necessidade das trocas entre quem está pensando a formação de novos profissionais licenciados para a área da educação. O Curso de Pedagogia da Unoesc, *Campus Aproximado de Maravilha*, responsável pelo acompanhamento e seleção de novos bolsistas, tem nos ajudado a repensar nossas práticas não somente com sugestões, mas com a possibilidade de intervenções por meio de seus acadêmicos, que diariamente enfrentam os bancos da Universidade, aprendendo, refletindo e proporcionando novas práticas para o contexto de sala de aula. O respeito ao que já deu certo e as reflexões sobre novas possibilidades tem sido o carro-chefe deste programa nesta escola. É dessa forma que temos respeitado os diferentes saberes, pois nem todas as professoras que têm anos de experiência possuem o domínio das teorias educacionais, tão necessárias para entender os desafios diários da sala de aula. As bolsistas Pibidianas têm trazido para a escola, e, automaticamente, para as realidades das salas de aula, um novo conceito de infância e, assim, um outro olhar, entendido como mais respeitoso, contemplando a prazerosidade das atividades e estratégias lúdicas ou diferenciadas.

Esta parceria entre Capes/Universidade e escola pública vem dando certo, porque os professores de sala de aula abraçaram a causa e acreditam que este é o caminho, pois o desafio das diferenças e o processo de inclusão têm exigido uma maior dinamicidade deste docente, que diariamente é posto para pensar qual será o próximo passo, diante de tão diferente situ-

ação. Romper com a rotina e as práticas tradicionais tem sido um dos maiores desafios. Com o passar do tempo, as professoras das turmas envolvidas acreditam que o processo de ensino e aprendizagem deve evoluir a partir das reflexões coletivas, contando com parcerias e a ousadia de acreditar que outros jeitos podem ser possíveis, quando se tratam de alunos diferentes e de turmas tão heterogêneas. Esta mudança de paradigma tem feito com que os professores respeitem particularidades, adotando métodos diferenciados e criativos, afastando-os da ideia da decoreba, da repetição e da reprodução de saberes já consolidados e muitas vezes ultrapassados. Apenas o fato de saber que em sua sala de aula tem alguém ajudando, mas que, ao mesmo tempo, está lá para aprender, faz com o professor se desafie a dominar com competência o espaço a ele delegado.

É imprescindível que o professor descubra e trabalhe a dimensão lúdica que existe em sua essência, no seu trajeto cultural, de forma que aperfeiçoe a sua prática pedagógica. Conforme Campos (1986), a ludicidade poderia ser a ponte facilitadora da aprendizagem se o professor pudesse pensar e questionar-se sobre sua forma de ensinar, relacionando a utilização do lúdico como fator motivante de qualquer tipo de aula.

Quando falamos em educação, e nesta relação entra o diálogo entre teoria e prática, não podemos esquecer de que o ensino deve estar munido de elementos lúdicos, prazerosos para que se possibilite a aprendizagem dos educandos.

Segundo Leif (1978), “jogar educa, assim como viver educa: sempre sobra alguma coisa.” Para ele, a utilização de jogos educativos no ambiente escolar traz muitas vantagens para o processo de ensino e aprendizagem, entre elas, pode-se dizer:

Atua como um impulso natural da criança, funcionando assim, como um grande motivador. Através do jogo, a criança obtém prazer e realiza um esforço espontâneo e voluntário para atingir o objetivo do jogo. Ele mobiliza esquemas mentais, estimula o pensamento, a ordenação de tempo e espaço. Integra várias dimensões da personalidade: afetiva, social, motora e cognitiva. Favorece a aquisição de condutas cognitivas e desenvolvimento de habilidades como coordenação, destreza, rapidez, força, concentração, etc. (LEIF, 1978, p. 45).

Percebe-se que a ludicidade está mais presente na Educação Infantil, esquecendo-se de que os(as) alunos(as) dos anos iniciais também são crianças e necessitam brincar, o que não nos impede de torná-la uma aliada na melhoria das dificuldades de aprendizagem em sala de aula.

Quando falamos em ludicidade, percebemos que a capacidade simbólica envolve o jogo, mas não somente como característica predominante na infância, pois esta pode ser considerada como fator básico para o desenvolvimento da aprendizagem. A ludicidade deve cativar e integrar os educandos no processo de ensino e aprendizagem, mas, para que isso ocorra, tanto a escola quanto o educador devem estar preparados para isso, e, principalmente, acreditar que esta possibilidade pode contribuir e não ser perda de tempo. A clareza do que realmente a ludicidade representa no contexto da sala de aula é o grande desafio.

Nesta perspectiva, foram confeccionados pelas cinco bolsistas Pibidianas, que atuam nesta escola, jogos pedagógicos, como: memória (tabuada), pife do alfabeto, trilha educativa, jogos lógicos, etc., e estes têm contribuído para o desenvolvimento das crianças com ritmo mais lento ou que manifestavam dificuldades de aprendizagem. Conforme a coordenadora da escola atendida

e supervisora do programa e pedagoga Elenir Becker, o programa é de suma importância, pois:

É visível a melhora no processo de ensino e na aprendizagem dos educandos envolvidos no programa. O atendimento mais individualizado, com material concreto e jogos que unem a ludicidade e o raciocínio lógico tem apresentado resultados ótimos, percebidos também pelos educadores das turmas. (informação verbal).

No decorrer das atividades lúdicas propostas, o que é importante não são apenas os resultados, mas o processo e as atividades desenvolvidas, pois isso possibilita a quem vivencia o encontro consigo e com o outro, a fantasia, a realidade e a percepção da vida. O lúdico cria um ambiente de prazer e gosto pelo aprendizado.

O jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial a sua existência. Para Kishimoto (2007), o brinquedo propõe um mundo imaginário para a criança. A brincadeira para criança não é apenas uma atividade, ela aprende a ter limites, a concentrar-se, não é um mero divertimento, por isso não se deve interferir nas brincadeiras colocando regras e maneiras de brincar, uma vez que o próprio educando poderá perder o interesse por ela.

O dicionário Aurélio define a brincadeira como o ato ou efeito de brincar, o entretenimento, o passatempo, a diversão. Definição ampliada e pedagogizada por Barreto (1998), em que a brincadeira é a atividade lúdica livre, separada, incerta, improdutiva, não governada por regras e caracterizada pelo faz de conta. É uma atividade consciente, mas fora da vida rotineira e não séria, que absorve a pessoa intensamente.

A brincadeira se apresenta como o ato de brincar. Constitui-se do faz de conta, do divertimento, da imitação e da livre expressão. Para Kishimoto (2007), na brincadeira há uma ausência de regras explícitas na organização das atividades. Dessa forma, não existe uma definição fixa de desempenhos, nem de objetivos específicos. Assim, qualquer objeto pode simbolizar, para a criança, tudo que existe no cotidiano, na natureza, nas construções humanas.

Brincar é uma atividade cotidiana na vida das crianças. É o brinquedo, a forma pela qual ela resolve a maioria dos conflitos criados pelas limitações do mundo em que vive e que é, eminentemente, um mundo dos adultos. Por meio da brincadeira a criança expressa sua forma de representação da realidade.

Como o programa tem mantido como pano de fundo o respeito à infância, à ludicidade e às diferenças, o brincar e o jogo têm sido contemplados nas estratégias pensadas e elaboradas pelas Pibidianas, como forma de estimular a criança a aprender e a se desenvolver a partir de suas potencialidades individuais. E isso tem feito às crianças se apaixonarem pelas bolsistas e aguardarem com ansiedade sua próxima vinda. Isso tem nos estimulado a continuar e acreditar que este trabalho é, simplesmente, maravilhoso.

Kishimoto (2007) coloca que o brinquedo é uma referência tanto para as crianças quanto para os adultos, sendo este um estimulante para o “imaginário infantil” e a brincadeira é o “lúdico em ação”, exercido pela criança. É isso o que o autor coloca a seguir:

O brinquedo contém sempre uma referência ao tempo de infância do adulto com representações veiculadas pela memória e imaginação, o vocábulo “brinquedo” não pode ser

reduzido à pluralidade de sentidos do jogo, pois conota criança e tem uma dimensão material, cultural e técnica. Enquanto objeto, é sempre suporte de brincadeira. É o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil. E a brincadeira? É a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é lúdico em ação. Dessa forma, brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo. (KISHIMOTO, 2007, p. 21).

O jogo é importante no desenvolvimento da criança e a brincadeira faz um jogo simbólico em que a criança faz de conta que vive a sua realidade. Todos nós nascemos com a capacidade de imaginar e criar situações que se aproximam da realidade como se fosse um ensaio para a vida adulta. Assim, quando o educando brinca de lojinha ou mercado, ele nada mais está fazendo do que reproduzindo ações presentes em seu cotidiano; o professor deve associar essas situações lúdicas ao seu planejamento, sabendo fazer disso um instrumento dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Foi perceptível nos alunos um aumento na concentração e no interesse, por ser uma atividade diferenciada, sendo esta uma forma concreta, sentida e mais fácil de ser assimilada pelos educandos. Os jogos pedagógicos têm gerado uma aprendizagem mais eficaz com referência aos encaminhamentos dados somente em sala.

As experiências lúdicas, encaminhadas pelos bolsistas e supervisores do PIBID tem sido socializado com os demais professores e estudantes de Pedagogia, pois, o que deu certo, deve ser mostrado e continuado, sempre com o olhar crítico do avanço e das possibilidades de novas conquistas. Estes encaminhamentos têm envolvido e valorizado os saberes que as crianças trazem para a escola e que fazem parte do seu contexto cultural, social e familiar. Isso porque a criança é um sujeito social e histórico, contemplada por uma organização familiar ligada à cultura do meio em que vive, interagindo com as pessoas, muitas vezes, por intermédio da atividade lúdica.

A partir das experiências dos bolsistas, eles têm contemplado e participado da elaboração do planejamento realizado pela escola, sempre preocupados com o crescimento dos alunos. As vivências de sala de aula têm oportunizado aos bolsistas uma maior independência e esta apenas é conquistada no aluno se a aprendizagem for significativa e contextualizada, possibilitando o seu envolvimento e crescimento pessoal. No acompanhamento dos trabalhos temos constatado como os bolsistas e professores regentes de sala de aula estão motivados e interessados a abraçar a causa da educação. Um dos bolsistas desta escola afirmou: “[...] devemos despertar a imaginação nos alunos, ensinar a partir da realidade e do dia-a-dia dele, não apenas ensinar para o futuro, mas o presente, o que o aluno esta vivendo.”

Como coordenadora deste subprojeto, tenho constatado que as diversas práticas de leitura, escritas e da matemática, têm mudado o resultado das avaliações realizadas pelas crianças nas diferentes áreas. O cuidar da aprendizagem de forma individual foi o caminho certo. A criança sente-se acolhida, amada e cuidada. Assim, sua autoestima se modificou e sua aprendizagem tem evoluído e crescido diariamente.

Celis (1998) afirmava que “[...] ler é sempre um encontro entre um indivíduo e um texto. Ler pode estabelecer relações entre o real e o imaginário. Transportar o aluno para um

mundo surreal e ao mesmo tempo fazendo-o criar seu próprio mundo.”

Tem se constatado que aliada à leitura e à interpretação vem a matemática, com um papel importante para o processo de ensino-aprendizagem e para a vida diária das crianças. A aprendizagem em matemática tem sido considerada, nos últimos tempos, uma farsa. O que tem acontecido, de fato, é que os alunos, com raras exceções de mecanismo e truques, são meros repetidores e executores na resolução de exercícios matemáticos, sem a mínima consciência do conhecimento envolvido nessa atividade. E a intervenção das Pibidianas tem auxiliado a desmistificar esta concepção. Elas têm produzido jogos e vários materiais alternativos para ensinar a matemática, e isso apresentou resultados relevantes e elogiados pela escola na qual atuam. Isso nos faz acreditar que este é o caminho: criar, tentar, inovar e acreditar!

Gandin (2007) afirma que a problemática encontrada nos alunos no que diz respeito à matemática acontece pelo fato de os alunos não terem sido ajudados a trabalhar no sentido de desenvolverem o pensamento lógico. Isso ocorre, sobretudo, pela falta de uma sequência lógica, por falta de uso de material concreto, por falta de exemplos mais ligados ao cotidiano dos alunos. Assim, interdisciplinaridade é fundamental para a ampliação do conhecimento e, conseqüentemente, na construção de um ser para o exercício pleno de cidadania. Nesse sentido, trabalhar de forma interdisciplinar possibilitando o conhecimento de nosso aluno em outros momentos, em outras atividades, com outras propostas, buscando, assim, fazer uma ligação entre os diferentes saberes.

Segundo Menezes (2009), para promover a autonomia, é preciso propor à classe atividades coletivas mais estruturadas do que as aulas expositivas. É nesse sentido que procurou trabalhar de forma lúdica, fazendo com que os alunos se empoiguem e aprendam de forma prazerosa e vejam sentido no que estão aprendendo.

Dessa forma, na escola o professor não deve deixar de considerar o conhecimento empírico que o aluno traz para. Deve propor atividades que favoreçam as ações da criança sobre o mundo social e natural. Por isso, o planejamento das atividades, sejam elas de qualquer disciplina, precisam contemplar inicialmente a ação, ou seja, a própria movimentação do aluno e manipulação de objetos e materiais. O professor tem de respeitar as experiências dos alunos, pois cada um tem um conhecimento e uma cultura.

Diante disso, planejar é fundamental para a realização de uma metodologia adequada de trabalho e para alcançar objetivos propostos dentro do processo de ensino e aprendizagem.

A importância do planejamento está na forma de pensar, decidir e agir, podendo conduzir a melhores resultados em face do grande número de falhas em sala de aula. Baseado nisso, Vasconcellos (2002, p. 93) nos mostra que:

A participação no processo de planejamento tem a ver com uma questão muito prática: o desejo de que as coisas planejadas realmente aconteçam. Uma das grandes metas (e queixas) na instituição que planeja é que todos “vistam a camisa”, incorporem os objetivos traçados, criando uma nova cultura. Todavia, em levantamentos feitos junto a educadores de diferentes realidades, os maiores problemas da escola apontados são, de um modo geral, da ordem das relações, da política interna e não tanto de proposta pedagógica: pessoas que não querem, não aceitam, não abrem mão, não deixam, controlam, não mudam [...]

Para isso, quanto maior o nível de participação, maiores as chances de vermos o planejamento realizado. Além disso, o problema maior não está tanto em se fazer uma mudança, mas em sustentá-la. Por isso, é necessária a participação de todos.

Ao planejar as atividades propostas, o professor deve adequar a metodologia a ser utilizada durante suas aulas de acordo com a realidade dos alunos. O planejamento deve ser uma prática diária, permitindo ao educador estruturar e articular os conteúdos de forma a trabalhar interdisciplinarmente.

O ato de planejar no processo de ensino e aprendizagem é de fundamental importância, pois, por meio dele, refletimos sobre o aprendizado do educando e também refletimos se nosso planejamento, nosso método de ensino, está proporcionando resultados aos alunos. Gandin (2002) fala sobre isso, como percebemos na citação a seguir:

O planejamento não é uma ciência – que seria aplicável mais universalmente – mas um conjunto de técnicas cujo suporte teórico está, principalmente, nas ciências que sustentam a atividade humana em que se situa o planejamento respectivo. [...] tudo o que diz respeito ao planejamento tem de se adaptar ao tipo de ação que o grupo que pretende planejar realiza. (GANDIN, 2002, p. 55).

O planejamento é um instrumento orientador do trabalho docente, marcando a intencionalidade do professor no processo educativo. Deve estar permeado também, por ações concretas que tracem, programem e concretizem o trabalho do educador.

O ato de planejar requer uma flexibilidade para que o educador possa rever e modificar os seus métodos para alcançar os seus objetivos desejados. Freire concorda com isso, como percebemos em sua fala:

O ato de planejar exige do educador uma ação organizada. O improvisar é importante na ação pedagógica desde que o educador tenha consciência, controle do que está improvisando. Para isso ele terá que ter organizado seu planejamento. Ter uma ação planejada significa que o educador tem claros seus objetivos. O que espera alcançar com cada atividade ou com determinado encaminhamento. (FREIRE, 1996, p. 57).

Assim, acredita-se que o planejamento é importante no trabalho docente, pois é uma forma do professor organizar e qualificar suas aulas, já que proporciona mais segurança em relação à sequência das atividades programadas para determinado dia, bem como um espaço para a reflexão de sua prática.

Consta na LDB n. 9394-96 no art. 13, Inciso V, a qual estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que o professor tem as seguintes funções em seu trabalho: ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional. Percebe-se, portanto, que, em lei, o planejamento é uma das funções do professor.

Na escola Centro Educacional Mundo Infantil – CAIC, é realizado um projeto por semes-

tre dentro da temática *Eu Leio Com Minha Família*, a fim de envolver família e escola em projetos de leitura e escrita. Assim, o Ensino Fundamental de Nove Anos (BRASIL, 2007, p. 70) nos mostra que “Cabe, então, à instituição escolar, responsável pelo ensino da leitura e da escrita, ampliar as experiências das crianças e dos adolescentes de modo que eles possam ler e produzir diferentes textos com autonomia.”

Segundo a supervisora do Programa PIBID, Elenir Becker, as bolsistas também foram envolvidas na definição e execução do projeto Meio Ambiente, em que foi trabalhado sobre a questão da coleta seletiva de lixo, do aquecimento global, da água, da qualidade de vida, etc.

Quanto à área da matemática, forma enfatizadas as questões de multiplicação e divisão, pois ainda os alunos sentem muita dificuldade em montar a estrutura da conta, às vezes se confundem e esquecem de somar ou subtrair algum número, sentem dificuldades em aprender a tabuada.

A supervisora Elenir Becker tem acompanhado o programa definindo, esporadicamente, trabalhos extraclasse ou em horário de aula envolvendo somente as crianças que possuem uma maior dificuldade de aprendizagem, por exemplo, na matemática, com a utilização de material dourado e jogos que explorem com mais detalhes a contagem sequencial, a sequenciação, a ordem numérica, a subtração, a adição, entre outras questões entendidas como pertinentes pelo professor desta turma. Este atendimento individualizado, não tem sido rotineiro, pois este não é o foco entendido como prioritário para este programa, mas destaca-se por apresentar também bons resultados no que diz respeito ao domínio matemático. Dentro das possibilidades temos mantido os bolsistas em sala de aula, acompanhando o dia a dia da turma, pois um dos objetivos é aprender a partir das experiências deste contexto.

Para tentar sanar as dificuldades de aprendizagem em Língua Portuguesa, as bolsistas Pibidianas consideraram os diferentes níveis de aprendizagem na sala de aula, e construíram materiais pedagógicos que auxiliassem as crianças na leitura, na escrita, principalmente na produção de textos; salientando que a ênfase maior é com aquelas crianças que ainda não estão alfabetizadas. Assim, para tratar de forma específica as dificuldades de cada aluno, em alguns momentos são retirados separadamente da sala para atender de forma individual a dificuldade apresentada. Cagliari (1989) nos fala que:

A escrita e a leitura fazem com que os alunos (e o professor) entendam o que acontece nas atividades escolares. Faz com que o aluno tenha sempre presente o fato de ele ser capaz de escrever qualquer coisa, mas também o de que há somente uma forma ortográfica: se ele não a souber, deverá procurar saber para não errar. (CAGLIARI, 1989, p. 32).

Tem-se entendido como importante que as atividades propostas provoquem a troca de ideias entre os alunos, uma vez que, é fundamental que o professor compreenda a lógica do pensamento individual, para evitar cometer equívocos na hora de avaliar; em uma sala de aula, existem particularidades entre os educandos, as quais deverão ser valorizadas e respeitadas.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem não são incapazes, apenas apresentam alguma dificuldade para aprender. Constatamos casos em que, aparentemente, não apresentam problemas físicos, mental e nem emocional, mas mesmo assim não obtém êxito na escola. Alguns são rotulados de incapazes e ficam taxados dessa forma em toda a sua trajetória escolar. Este é realmente um grande desafio a ser superado, pois sabemos que todos nós possuímos

algum tipo de dificuldade, no entanto, nos manifestamos como seres perfeitos e prontos para julgarmos os outros como sujeitos incapazes.

É notório que as dificuldades de aprendizagem não se referem a um único distúrbio, mas a diversos problemas que podem afetar qualquer área do desempenho educacional. As dificuldades interferem no domínio de habilidades escolares básicas e elas somente podem ser formalmente identificadas até que um aluno comece a ter problemas na escola. Cabe aos responsáveis encaminhar e solicitar ajuda a outros profissionais, do contrário, poderemos arrastar por muito tempo discursos de julgamentos e preocupações, mas que na prática nunca se fez nada para ajudar.

Dessa forma, evidencia-se que os objetivos do PIBID estão sendo alcançados com êxito, pois a prática pedagógica das bolsistas Pibidianas vem melhorando com o passar do tempo e os educandos têm apresentado melhoras significativas em relação às suas dificuldades de aprendizagem. Já ficou provado por intermédio das avaliações que o programa já apresenta resultados em médio prazo, pois o resultado de nossa escola quanto aos índices do IDEB aumentou de 5.0 em 2009, para 5.7 em 2011. Se este é um parâmetro a ser analisado, acreditamos estar no caminho certo com a vontade e o entusiasmo de continuar, pois, esta diferença é significativa quando se trata de avanços na aprendizagem, entendendo ser necessário paciência e tempo para se constatar a mudança.

3 CONCLUSÃO

O Projeto PIBID chegou para fazer a diferença em nossa escola. A chegada das bolsistas, acadêmicas de Pedagogia, entusiasmadas em ajudar no fazer pedagógico, no início assustou a todos, pois em um primeiro momento os professores pensaram que seriam observados e avaliados, levando alguns a rejeitarem a ideia. Entretanto, com o passar dos dias, o encanto foi coletivo e todos queriam ser contemplados. Esta oportunidade ofereceu ajuda incondicional para o contexto da sala de aula, mas, como contrapartida, envolveu a todos no fazer diário de uma escola, a qual diariamente, enfrenta desafios muitas vezes sem possibilidade de soluções imediatas. A possibilidade de refletir e relacionar a prática com as teorias conhecidas na vida acadêmica foi simplesmente maravilhosa. As Pibidianas foram oportunizadas em envolverem-se em projetos desenvolvidos pela escola, e que exigiram sua participação, desafiando-os a aprenderem na prática e melhorando sua formação acadêmica. As diversas estratégias pedagógicas desenvolvidas na escola, contemplando o processo de alfabetização, letramento, leitura, escrita, produção oral e matemática, fizeram a grande diferença no contexto da sala de aula, principalmente, na vida destas crianças, que necessitam de um atendimento mais individualizado. O programa incentivou a valorização do magistério e a busca de cursos de licenciaturas.

O programa tem como objetivo, e está conseguindo, promover o fortalecimento da escola pública como um espaço de formação e desenvolvimento da aprendizagem, oportunizando aos alunos que apresentam dificuldades, atendimento individualizado.

A metodologia de trabalho adotada pelos bolsistas envolve planejamento coletivo; apoio aos professores em sala de aula; diagnóstico da realidade; construção de jogos e materiais didáti-

co-pedagógicos; atividades lúdicas; organização de relatórios e análise de necessidades; atenção às crianças que demonstram dificuldades de aprendizagem, além de metodologias diferenciadas.

Quanto aos resultados alcançados, teve-se um maior índice de aprovação; melhoras significativas no processo de ensino e aprendizagem; elaboração de diagnósticos da turma; produção de materiais diferenciados, atividades lúdicas e prazerosas; troca e socialização de experiências entre professores, bolsistas supervisores e aumento do IDEB da escola.

São enormes os desafios diários nesta escola, mas é gratificante ver o quanto avançamos, no esforço de cada dia de servir, colaborar e ampliar os horizontes do conhecimento.

A universidade é uma excelente parceira, pois se entende que o conhecimento básico para atuarmos como docentes se inicia no curso de graduação, com continuidade nas especializações e formações continuadas. Nada se consolida se não houver uma base sólida que justifique a prática e as ações. A integração entre esses dois contextos resulta em algo realmente prazeroso e que estimula a continuidade na opção de seguir carreira docente.

Institutional program of incentive for teaching to challenges of teaching/learning process

Abstract

The study has since objective characterizes the importance of the Institutional Program of Stock Exchange of Initiation to the Teaching – PIBID, in the context of classroom, in the Municipal net of Maravilha/SC. The discussion practical-theoretical is justified by the importance that has the program provided in the school public sector, aiming at assistant in the process of literacy of the children who have difficulties or rhythm slower of apprenticeship, needing an attention more accented in the course of the process. Through the program PIBID, it was looked to obtain positive results of literacy that automatically are reflected in indicative national, as it is the case of the Rate of Development of the Basic Education (IDEB). We can point out that through this program, it is longed to value the teaching from the alumni's formation, through the familiarity with more experienced teachers and with the daily challenges that are present in the context of the basic education. The analysis boards important points that concern the process of teaching and apprenticeship, contemplating the difficulties of apprenticeships, methodologies, pedagogic strategies, as well as the importance of the projection in the reach of the proposed objectives. When the analysis process took place, there look at themselves authors as Gandin, Monk, Vygotsky and others, providing the dialog, the exchanges and the deepening of the proposed discussion. The Pibid, through the partnership of the UNOESC, has been making possible the relation dialógica being theory and practice in the context of the classroom, when daily rate of the classroom is acting like partner and ally what concerns the causes, and that has been contributing and strengthening the program of educators' formation in this region. The presented dialog contemplates originating practical examples of day by day of the stock exchange-academic ones, in the school Center Education Childlike World – Caic, City of Maravilha/SC, one of the Institutions of teaching contemplated by the PIBID in this region.

Keywords: Literacy. Apprenticeship difficulties. Ludicidade. Projection. Pedagogic intervention.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Sidirley de Jesus. **Psicomotricidade**: Educação e Reeducação. Blumenau: Odorizzi, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1996.
- _____. Ministério da Educação. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- _____. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: matemática. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília, DF: A Secretaria, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Aprendizagem**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CELIS, Gloria Inostroza de. **Aprender a formar crianças leitores e escritores**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. **Pedagogia da Autonomia**. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento como Prática Educativa**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- LEIF, J.; BRUNELLE, L. **O jogo pelo jogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Planejamento na sala**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 182 p.
- MENEZES, Luiz Carlos de. O aprendizado do trabalho em grupo. **Revista Nova Escola**, ano 24, n. 222, maio, 2009.
- O JOGO no processo de ensino e aprendizagem. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-artigos/o-jogo-no-processo-de-ensino-e-aprendizagem-340331.html>>. Acesso em: 17 nov. 2011.
- ORSO, Darci. **Atividades recreativas**: resgatando o prazer de brincar. São Leopoldo: Oikos, 1998.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2002.
- ZENTI, Luciana. Sopa de letrinhas. **Revista Aprende Brasil**, Ano 2, n. 8, p. 26-28, dez./jan. 2006.